COMUNICAÇÃO ORAL - CORPO, CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA

MEU CORPO É ANCESTRAL: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS EXISTENCIAIS VIVIDAS DE DONA BETE - EXTRATIVISTA DA AMAZÔNIA AMAPAENSE

Auriane Do Socorro Costa Pinto (auriacosta@gmail.com)

Samanda Nobre Do Carmo Saboia (samanda.saboia@gmail.com)

Mesaque Silva Correia (mesaquesilvacorreia@ufpi.edu.br)

Bruna Gabriela Marques (bruna.marques@saojudas.br)

Este estudo analisa narrativas de experiências existenciais produzidas na relação entre corpo, ancestralidade e território, a partir da trajetória de Dona Bete, mulher extrativista da Comunidade São Francisco do Iratapuru, no Amapá. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem (auto)biográfica, que utilizou narrativas de si como produção de dados, analisados por meio da análise reflexiva da fala. A investigação buscou compreender de que maneira as narrativas orais de Dona Bete evidenciam o corpo como território de saber, ancestralidade e resistência, destacando práticas educativas, transmissão intergeracional de conhecimentos e feminismo popular no extrativismo amazônico.

Narrar as próprias experiências no cotidiano da vida comunitária constitui importante ferramenta de pesquisa e formação, sobretudo para ampliar conhecimentos acerca de grupos sociais historicamente invisibilizados. Nesse sentido, a narrativa não se limita a uma trajetória individual, mas mobiliza memórias coletivas, experiências compartilhadas e saberes construídos na relação com o território amazônico. As conversas produzidas com Dona Bete abordaram temas relacionados à formação cultural, organização comunitária, papel das mulheres, brincadeiras vivenciadas na infância, educação das meninas e experiências no extrativismo.

Os resultados revelam que os saberes produzidos emergem do cotidiano da floresta, dos castanhais, rios, barracões e batelões, em práticas marcadas pelo trabalho com a castanha, pela maternidade, pela fé, pela oralidade e pela resistência comunitária. Suas narrativas demonstram que o corpo da mulher extrativista constitui espaço de memória, transmissão de saberes e formação coletiva. A trajetória de Dona Bete evidencia dimensões sociais, culturais e políticas de re(existência), revelando o protagonismo feminino na sustentação do território, das práticas educativas e da organização comunitária, especialmente por meio da participação em associações e cooperativas, expressando um feminismo popular enraizado no território.

Ao afirmar “Meu corpo é território! Meu corpo é ancestral!”, Dona Bete representa experiências compartilhadas por muitas mulheres amazônicas, cujas identidades, pertencimentos e resistências se constroem na coletividade e na relação com a floresta. Conclui-se que ouvir essas narrativas valoriza os saberes produzidos na vida comunitária e reconhece práticas educativas e formas de resistência feminista no contexto rural amazônico.

Palavras-chave: corpo-território; ancestralidade; mulheres extrativistas; feminismo popular; amazônia amapaense.